

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

TAÍS LUANA SCALZAVARA

CÁRCERE DOS CORPOS

PATO BRANCO

2022

TAÍS LUANA SCALZAVARA

CÁRCERE DOS CORPOS

PRISON OF BODIES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci.

PATO BRANCO

2022



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

CÁRCERE DOS CORPOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do
título de Bacharel/Licenciado em Letras Inglês –
Português da Universidade Tecnológica Federal
do Paraná (UTFPR).

01º de dezembro de 2022.

Data de aprovação: Dia/mês por extenso/ano

Professor Dr.º Wellington Ricardo Fioruci
Doutor na área de Literatura Comparada
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Professora Dr^a Camila Paula Camilotti
Doutora em Estudos da Tradução
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Professor Dr.º Marcos Hidemi de Lima
Doutor pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

PATO BRANCO

2022

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, a minha mãe, que está ao meu lado em todos os momentos da minha vida, ao meu pai, a meu irmão e ao meu namorado, Douglas, pessoa que chegou aos poucos e me ajudou com tudo, meu parceiro para a vida. Além disso agradeço a minha família, às minhas melhores amigas Rafaella e Saionara, aos meus colegas de trabalho, meus amigos e a todos que de alguma forma se fizeram presente no período em que estive na graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, sem Ele nada seria possível e a Nossa Senhora que nunca me deixou desistir, ao meu anjo da guarda, a Jesus meu melhor amigo e ao Espírito Santo, que sempre esteve comigo.

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória, pela paciência, pelo companheirismo, pela compreensão e por tudo até aqui.

Aos meus colegas de sala ao longo de todos estes anos de graduação. A Coordenação do Curso, pela cooperação, a todos os meus professores, tanto os que me ajudaram diretamente, quanto aqueles que estiveram comigo, mesmo que de forma indireta. Foram anos de parceria, os quais marcaram a minha história, estarão para sempre em meu coração e pensamentos e espero sempre reencontrar todos. Agradeço a banca e a todos os professores que irão ler o meu trabalho.

Gostaria de deixar registrado também o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio, em especial a minha mãe, que não mediu esforços para estar comigo, meu pai e meu irmão. Agradeço ao meu companheiro que chegou aos 45 minutos do segundo tempo, mas que foi fundamental para a conclusão do meu trabalho, sem ele nada seria possível.

Não podia deixar de falar sobre todas as pessoas que por minha vida passam, seja as pessoas do meu trabalho, que são minha família, da faculdade e claro, a elas, minhas melhores amigas, Saionara e Rafaella, que estiveram comigo do início ao fim e sempre acreditaram em mim.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

Medicina, lei, negócios e engenharia são ocupações nobres para manter a vida. Mas poesia, beleza, romance e amor são razões para ficar vivo. (Robin Williams. 1990)

RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise comparativa considerando conceitos importantes, presentes na obra fílmica *XXY* (Lucía Puenzo, 2007), e no livro *O Beijo da Mulher Aranha* (Manuel Puig, 1976), com relação aos personagens centrais das obras, tendo como fundamento teórico os estudos de intermedialidade, bem como analisando a sexualidade e o gênero, mas principalmente a identidade presente nas obras a serem estudadas. Obras bibliográficas de Linda Hutcheon (1947), Claus Cluver (1994), Stuart Hall (2006), Michel Foucault (1984), foram utilizadas como referência e embasamento para o desenvolvimento da pesquisa. Este estudo visa mostrar a relevância dos autores e ressaltar que ainda não foi feita a análise comparada entre as duas obras. Desse modo, almeja-se evidenciar o fato de que se encontra poucos estudos da área, como a própria diretora Lucía Puenzo afirmou em entrevistas sobre seu trabalho, ressaltando a dificuldade de encontrar obras contendo esses temas, ou seja, a relevância do trabalho se dá pelo fato de que é um estudo original. Além disso, resalta-se a relevância do romance e da obra fílmica, pois ambos nos trazem assuntos importantes para o Cinema e Literatura, além de ficar claro o conceito de intermedialidade através destas obras. Análise de ambas as obras, procura responder às perguntas do início do trabalho, como, por exemplo, o que é intermedialidade? Como se dá a representação dos personagens? Assim como fazer reflexões importantes que só são possíveis a partir da leitura do romance e depois de assistir ao filme.

Palavras-chave: Intermidialidade, Identidade; Sexualidade, *XXY*, *O Beijo da Mulher Aranha*;

ABSTRACT

The present work makes an analysis compares important concepts present in the filmic work *XXY* and the book *O Beijo da Mulher Aranha* regarding the central characters of both works. It has intermediality as its object of study as well as it analyzes sexuality and gender, but, mainly, the identity present in the works to be studied. Bibliographic works by Linda Hutcheon (1997), Claus Cluver (1994), Stuart Hall (2006) and Michel Foucault (1984) were used as a reference and basis for the development of the research. This study aims to show the relevance of the authors and emphasize that a comparative analysis between the two works has yet been carried out. In this way, it aims to highlight the fact that there are few studies in the area, as the director Lucía Puenzo herself stated in interviews about her work, highlighting the difficulty of finding works containing these themes, that is, the relevance of the work is given by the fact that it is an original study. In addition, the relevance of the novel and the filmic work is emphasized, as both bring us important subjects for Cinema and Literature, and make to making the concept of intermediality clear through these works. Resulting in an analysis of both works, to answer the questions at the beginning of the work, such as, for example, what is intermediality? How are the characters portrayed? As well as making important reflections that are only possible after reading the novel and after watching the movie.

Keywords: Intermediality, Identity; Sexuality.

Sumário

INTRODUÇÃO.	10
1. Um estudo sobre a Intermedialidade	13
1.1 ESTUDOS INTERARTES NAS OBRAS O BEIJO DA MULHER ARANHA E XXY	18
1.2 O BEIJO DA MULHER ARANHA DE MANUEL PUIG E XXY DE LUCIA PUENZO	21
2. O CONCEITO DE PÓS - MODERNISMO NA LITERATURA E CINEMA	24
2.1 IDENTIDADE	28
2.1.1 O conceito de Identidade no romance O Beijo da Mulher Aranha e no filme XXY	28
2.2 SEXUALIDADE	31
2.2.2 O conceito de sexualidade no romance e na obra filmica	31
3. UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE MANUEL PUIG E LUCÍA PUENZO	35
3.1 ANALISANDO A OBRA FILMICA XXY	36
3.3 ANÁLISE COMPARADA ENTRE AS OBRAS	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fará uma análise comparativa entre o filme *XXY*, e o livro *O Beijo da Mulher Aranha*, tendo como objeto de estudo as obras em questão e a intermedialidade como princípio teórico que fundamenta a análise comparada. Além disso, visa-se fazer a análise de conceitos importantes nas obras, como sexualidade e gênero, mas principalmente a identidade. Vale ressaltar que o tema surgiu com o incentivo e inspiração do projeto de Pesquisa (PIBIC), que visa analisar as duas obras da narrativa contemporânea por meio de pesquisas e estudos de teóricos e críticos da área.

Como justificativa do trabalho, este visa apresentar a relevância dos autores e ressaltar que ainda não foi feita a análise comparada das duas obras. Desde modo, almeja-se evidenciar o fato de que se encontra poucos estudos da área, como a própria diretora Lucía Puenzo afirmou em entrevistas sobre seu trabalho, ressaltando a dificuldade de encontrar obras contendo esses temas.

Por conseguinte, a relevância do trabalho se dá pelo fato de que é um estudo original, como tratado anteriormente, visto que não é possível encontrar muitas referências a respeito das obras nem relatos sobre estudos comparados entre o livro e o filme, ou seja, para determinado estudo, foi realizado um método de pesquisa o estado d' arte, fazendo um mapeamento de referências bibliográficas necessárias para entendimento da pesquisa, como, por exemplo, o ensaio de Juan Ferreira Fiorini, intitulado "Mulher Aranha, Mulher Molina: Homocultura E Performance De Gênero Em *O Beijo Da Mulher Aranha*", ou, por exemplo, O Caso De Alex Na Obra Fílmica *XXY*: Uma Análise De Corpo, Gênero E Sexualidade No Cinema Argentino, de Fernando Dias Souto.

Em outras palavras, o estudo sugere a reflexão sobre assuntos relevantes como, por exemplo, sexualidade, identidade, gênero, entre outros, que ainda são considerados tabus em nossa sociedade, porém, quando colocados em debate resultarão em uma diversidade de opiniões, pois o sujeito que pertence a este meio precisa se inteirar do assunto por meio de estudos, pesquisas e respeitar a decisão de cada um, assim como os sujeitos que não pertencem a essas nomenclaturas.

Este trabalho tende a enfatizar a importância da pesquisa e todo estudo por trás dela, a necessidade da literatura, interpretação e reflexão sobre as obras, assim como a vantagem de assistir a um filme e poder compará-lo com um livro e ter uma base para poder analisar a respeito, a necessidade da cultura, a diversidade que ela nos mostra, como isso ficou evidente no contexto pandêmico, como necessitamos da arte para sobreviver.

Aliás, mostra-se aqui a relevância deste trabalho, o qual não tem só o intuito de fazer a comparação entre as duas obras, mas mostrar que é possível buscar conhecimento sobre um assunto desejado, nesse caso a identidade, em livros e filmes, e a partir deles ter um olhar crítico

Além de abordar temas importantes para debate, o foco da trabalho é dar ênfase para assuntos como o estudo da intermedialidade, bem como as relações interartes, situando as obras no contexto do pós-modernismo, isso porque o trabalho é baseado nesses conceitos, demonstrando em como tais assuntos aparecem tanto na obra fílmica.

Como será descrito posteriormente, o mundo está em constante mudança e a literatura não é diferente, porém com o tempo as coisas mudam, assim como o pensamento dos sujeitos, por isso o pensamento de antigamente é totalmente diferente do de hoje, mas, como é analisado por alguns críticos e teóricos, não se pode estudar o agora sem olhar para o passado. Pensando nisso, é possível observar uma transformação por parte dos sujeitos, principalmente na vertente do pós-modernismo, onde ele está se (re)construindo com o tempo, sendo possível observar como a identidade se forma com o passar dos anos. A partir da análise comparada entre o filme *XXY* e o livro *O Beijo da Mulher Aranha*, será abordado a importância de discutirmos e analisarmos esses temas, bem como o ponto de vista dos personagens, ou seja, como esses enfrentam conflitos de suas identidades com o desenrolar das tramas, e ao tratar-se do filme, por meio da fotografia, será exposto como os falantes demonstram os temas que são objeto de trabalho, assim como, por meio dos diálogos entre os personagens do livro, se dará a análise dos textos.

Tanto a orientação sexual quanto a identidade de gênero se manifestam desde cedo, independentemente do que a família é ou apresenta, mas sofrem pressão por conta disso, ou seja, alguns padrões que foram impostos pela sociedade se manifestam dentro do círculo familiar, impedindo na maioria das vezes de o sujeito ser o que deseja, porém, a cada momento que passa ela vai se modificando, ou seja, o ser humano vai se conhecendo, aprendendo sobre seu próprio “eu”, definindo então a sua identidade, porém, tratando-se de um sujeito pós-moderno, a identidade torna-se uma “celebração móvel” (HALL, 2006, p.12.), como será discutida no decorrer do texto.

Outrossim, por meio deste estudo, será possível observar alguns conceitos importantes que servirão como apoio e para o devido entendimento da pesquisa em sua maioria, como tratado anteriormente, temas que são considerados “tabus”, porém são assuntos relevantes e necessários para o desenvolvimento do ser humano, bem como o pertencimento de mundo e a liberdade de ser um sujeito livre.

Por consequência, este estudo tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre as duas obras, analisando aspectos importantes que foram observados durante o processo de pesquisa, observando, por exemplo, o comportamento dos personagens com relação a sua sexualidade e/ou identidade, tanto no livro *O Beijo da mulher Aranha*, de Manuel Puig, quanto no filme *XXY*, de Lucía Puenzo.

O método utilizado para a realização da pesquisa foi o de referência bibliográfica, tendo como *corpus* de análise ficcional as obras argentinas *O Beijo da Mulher Aranha* (1976), romance escrito por Manuel Puig, e *XXY* (2007), longa-metragem da diretora Lucía Puenzo.

Ademais, por meio da Metodologia de pesquisa bibliográfica, foram encontrados alguns conceitos para entendimento e desenvolvimento do projeto, como, por exemplo, ensaios sobre identidade, intersexualidade, sexualidade e entre outros, além de artigos sobre o filme e sobre o livro, para que fosse possível realizar a escrita da análise.

Em suma, o trabalho se baseou no livro *O Beijo da Mulher Aranha* e no filme *XXY*, e teve como objeto de estudo o tema “identidade”, embasado principalmente no livro de Stuart Hall, *A identidade cultural na Pós Modernidade*, além de textos importantes como o livro de Linda Hutcheon - *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*.

1. Um estudo sobre a Intermidialidade

Primordialmente é importante ressaltar o fato de que, por mais que não seja um termo comum do dia a dia, **intermidialidade** está mais presente em nossas vidas do que possamos imaginar, como, por exemplo, as séries às quais passamos horas assistindo, os filmes, os livros, os jogos. Isso tudo pode ser considerado intermidialidade, pois trata-se da relação entre as artes. Nos filmes, por exemplo, é possível observar uma junção de artes, como os efeitos sonoros, efeitos visuais, as figuras, entre outros itens que podem ser notados no decorrer do filme, porém estudar este conceito é um tanto quanto complexo e os pesquisadores vem estudando isso há muito tempo até a atualidade.

Por consequência, ao saber o significado das palavras “inter” e “mídia” e saber o que sua junção forma, já é possível ter uma ideia do que o assunto se trata, ou seja, a relação entre diferentes mídias, como é possível observar no trecho: “Quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam intermedia. Diferem de meios mistos, sendo inseparáveis na essência da obra de arte” (HIGGINS, 1984, p.138). O autor nomeou este fenômeno nas artes, isso para que as manifestações artísticas fossem compreendidas e categorizadas, sendo que no português o termo pode ser traduzido como “intermídias”, como citado anteriormente.

Outrossim, há um consenso entre os estudiosos sobre o conceito de intermidialidade e uma das pessoas que pensa e estuda sobre isso é Irina Rajewsky, que parte da área da literatura e reflete sempre nas formas e funções que a intermidialidade tem em produtos culturais diferentes, como será descrito posteriormente.

Ademais, é possível notar um avanço das tecnologias nas últimas décadas, com isso percebe-se uma série de transformações, como, por exemplo, em por parte da escrita, dos sons, das imagens, com registro, processos e transmissões. Por isso surge um novo conceito, um novo termo para estudos entre pesquisadores. E sabe-se ainda, que o termo trata de algo que vem pra dominar um fenômeno antigo que trata das relações entre textos, sejam eles quais forem.

Além disso, por mais que o termo seja um tanto quanto recente, ele vem sendo estudado de forma constante no decorrer dos anos e como Claus Cluver propõe, ele pode ser encontrado no dia a dia, nas atividades da vida, na cultura, em que chamamos de arte e que pode ser observado em todas as culturas e épocas.

Antes de mais nada, trata-se de um estudo original e para posterior entendimento da pesquisa, é de suma importância observar e compreender o conceito de intermedialidade. Isso porque o trabalho irá tratar da interação de várias mídias, nesse caso, a relação entre um livro e um filme, pois veiculam informações a respeito da cultura e da sociedade, enfim, gerando novos discursos, sendo que o entendimento só é possível a partir da intermedialidade.

Por conseguinte, outro termo que será descrito posteriormente é de suma importância para a continuidade do trabalho, que é o conceito dos Estudos Interartes visto nos ensaios de Claus Cluver, o qual ressalta que todas as obras podem ter infinitas possibilidades de leituras. Para complementar, o assunto trata de um estudo comparado, ou seja, da comparação de duas obras e suas semelhanças, além de suas diferenças, enfatizando a importância da intermedialidade, citando o teórico contemporâneo, Cluver diz que:

[...] foi decisivo para uma parte das exigências que se associam hoje aos Estudos Interartes o reconhecimento recente de que a intertextualidade sempre significa também intermedialidade – pelo menos em um dos sentidos que o conceito abrange. E isso vale não apenas para textos literários ou mesmo para textos verbais. Pelo menos quando se trata de obras que, seja lá em que forma, nas Artes Plásticas, na Música, na Dança, no Cinema, representam aspectos da realidade sensorialmente apreensível, sempre existe nos processos intertextuais de produção e recepção textual um componente intermediário – tanto para a Literatura quanto, frequentemente, nas outras artes. Aos poucos isso passa a dizer respeito a fenômenos mais abstratos, como, por exemplo, a narratividade e a critérios de forma e estilo. O repertório que utilizamos no momento da construção ou da interpretação textual compõe-se de elementos textuais de diversas mídias, bem como, frequentemente, também de textos multimídias, mix mídias e intermídias. As comunidades interpretativas, que determinam e autorizam quais códigos e convenções nós ativamos na interpretação textual, influenciam também o repertório textual e o horizonte de expectativa. Mas o repertório é, em última análise, parte dos contextos culturais nos quais se realizam a produção e a recepção textual. (CLUVER, 2006, p. 14).

Com isso refletimos a importância da leitura, além de fazer uma reflexão sobre os filmes e entre outros, ou seja, a relevância destacada por Cluver, das interartes, como eles podem nos ajudar a compreender os valores humanos, entrando aqui o conceito de identidade, o qual será descrito no capítulo 2, servindo de entendimento para o decorrer da pesquisa. Outrossim, é necessário citar que o momento em que vivemos é propício para a abertura da prática leitora, fazendo assim a conexão com os Estudos Interartes.

Dito isso, adentramos ainda mais no conceito chave e de suma importância para a compreensão do trabalho, a intermedialidade que para Irina Rajewsky é descrita como:

[...] um termo genérico para todos aqueles fenômenos que (como indica o prefixo inter) de alguma maneira acontecem entre as mídias. “Intermediático”, portanto, designa aquelas configurações que têm a ver com um cruzamento de fronteiras entre as mídias e que, por isso, podem ser diferenciadas dos fenômenos intramediáticos assim como dos fenômenos transmediáticos, por exemplo, o aparecimento de um certo motivo, estética ou discurso em uma variedade de mídias diferentes. (RAJEWSKY, 2012, p. 18).

Além do que foi citado anteriormente, a autora sugere uma forma de saber quando é e quando não é intermedialidade, separando-a em três categorias de fenômenos: combinação de mídias, transformações midiáticas e referências intermediáticas, por isso ressalta-se a importância da relação com o que Claus Cluver nos retrata a respeito da intermedialidade.

Sendo que a primeira pode ser exemplificada por meio das adaptações, como, por exemplo, Harry Potter, das quais são baseadas em livros ou em algo que já existe, como quadrinhos, HQ's, entre outros. Assim como Uma peça de teatro pode surgir de uma música, um livro de um jogo e assim por diante. Ademais as transposições são criações novas, trazendo consigo suas próprias peculiaridades, sendo que é impossível criar uma adaptação sem possuir suas mudanças.

Além disso, a transposição midiática, que são chamadas de adaptações, como citado anteriormente, se transformam nas grandes histórias de cinema. Para dar sequência aos estudos, outro termo bastante utilizado dentro da intermedialidade é o de combinação de mídias, ou seja, muitos dos produtos que consumimos diariamente, surgiram a partir de uma mídia que já existe, ainda mais com o avanço tecnológico.

Sendo possível observar uma combinação de mídia nele, desde música, efeitos sonoros, efeitos visuais, produzindo assim a sua própria mídia, ou seja, o jogo é o resultado dessas combinações midiáticas. Uma combinação de mídia visa alcançar todos os tipos de mídias e por mais que *O Beijo da Mulher Aranha* e o filme *XXY* não são uma combinação de mídias, apresentam temas semelhantes que atraem os mesmos públicos, em vista deste conteúdo.

Por fim, mas não menos importante, observa-se as referências intermediáticas, que podem ser pensadas como uma fantasia, ou seja, uma mídia que se parece com outra, mas utilizando suas próprias técnicas e características, sem que deixe de ser ela mesma, como, por exemplo, ao teatro ou a pintura, em filmes). Ao contrário do que acontece na combinação, onde se tem a presença de várias mídias, tem-se apenas a insinuação a estas mídias. E quando uma mídia cita a outra, tem-se as referências intermediáticas.

Porém, esses três fenômenos são uma pequena parte do que é possível se pensar sobre o conceito, ou seja, da realidade. A autora nos leva a pensar nas fronteiras entre diferentes mídias que permitem analisar o conteúdo estudado de forma bem ampla e concreta.

Para exemplificar isso, existe uma vasta quantidade de fenômenos que se classificam como intermediáticos, como, por exemplo, éfrase e musicalização da literatura, adaptações cinematográficas de obras literárias, romantizações (transformações de filmes em romances), poesia visual, manuscritos, arte sonora, “textos” multimídias em computador ou em instalações, etc.

Ademais Rajewsky nos fala que o debate sobre intermedialidade caracteriza-se por uma vasta rede de temas, tendo uma variedade de abordagens heterogêneas, cada qual com suas premissas e tecnologias. O mesmo acontece em seus estudos, visto que são amplos, desde o estudo da mídia, obras literárias, teatros, entre outros.

Além desse conceito, a autora nos diz que ela serve como ferramenta de pesquisa não apenas com relação a mídias singulares, mas além disso, às configurações híbridas, onde posteriormente será visto sobre o hibridismo e sua importância no conceito de intermedialidade.

Dando sequência aos estudos de intermedialidade, assim como Cluver e Irina, o teórico François Jost (2006), também chama a atenção para o conceito, dizendo que:

A intermedialidade tem, portanto, três sentidos e três usos interessantes para o pesquisador: a relação entre mídias, a relação entre meios de comunicação. Estes três tipos de intermedialidade obedecem, conforme mostrei, uma genealogia que leva do textual ao contextual, do abstrato ao concreto e que, nisto, se calca sobre as evoluções históricas que conhecemos. Contudo, cada etapa não torna necessariamente ultrapassada a precedente: ela a engloba. Também não me parece exagero pedir ao pesquisador de hoje em dia para que se interrogue, em cada uma das análises de um documento, sobre a pertinência daquilo que ele desenvolve submetendo-o ao crivo desta tripla intermedialidade. (JOST, 2006, p.41).

O autor ainda trata a intermedialidade como conceito da comunicação e mais além, adentra os estudos da literatura comparada, conceito o qual não será detalhado, porém o trabalho propõe a comparação de duas obras de modalidades diferentes, sendo uma da literatura e outra do Cinema.

Ainda assim, o termo possui outros conceitos, como, por exemplo, o destacado por Lars Ellerstrom:

[...] a intermedialidade pode claramente ser descrita como um ângulo de pesquisa que destaca as diferenças entre as mídias – e, portanto, semelhanças – e suas funções constitutivas para a construção de significado na comunicação. (ELLERSTROM, Lars, p.201. 2017).

Em outras palavras, o trabalho sugere as diferenças, mas, sobretudo, as semelhanças entre as obras a serem estudadas, ou seja, entre o filme *XXY* e o livro *O Beijo da Mulher Aranha*. Ainda assim, intermedialidade nada mais é do que o cruzamento de mídias dentro da produção cultural e no caso do estudo proposto, uma noção contemporânea, outro conceito chave que será descrito no próximo capítulo.

Em consequência, há um consenso entre os estudiosos a respeito do conceito de intermedialidade. Por mais que os estudos sejam amplos e englobe diversas áreas, o termo refere-se a relação entre as mídias, às interações e interferência de cunho midiático, ou seja, um termo flexível. “capaz de designar qualquer fenômeno envolvendo mais de uma mídia”. (WOLF, 1999, p. 40-41), ou seja, qualquer fenômeno que – conforme o prefixo *inter* indica – ocorra num espaço *entre* uma mídia e outra(s). Logo, o cruzamento de fronteiras midiáticas vai constituir uma categoria fundadora da intermedialidade. (RAJEWSKY, 2002, p. 11-15).

Por consequência, outro conceito importante, trata-se dos Estudos Interartes, que é definido por Claus Cluver, como:

[...] um fenômeno abrangente que inclui todas as relações e todos os tópicos e assuntos tradicionalmente investigados pelos Estudos Interartes. Trata de fenômenos transmidiáticos como narratividade, paródia e o leitor/espectador/auditor implícito e também os aspectos intermidiáticos das intertextualidades inerentes em textos singulares. (CLÜVER, 2008, p. 224).

Conceitos como de intertextualidade, que será abordado, de forma breve, na sequência do texto, é de suma importância para compreensão e entendimento do trabalho e sua sequência.

1.1 ESTUDOS INTERARTES NAS OBRAS *O BEIJO DA MULHER ARANHA E XXY*

Outro termo bastante importante entre a intermedialidade chama-se Estudos Interartes, visto que a compreensão fica mais perceptível com o entendimento deste conceito. Fato o qual vem sendo estudado e tem sido uma área interdisciplinar crescente das humanidades assim como de todas as modalidades, sendo dominada por investigações sobre as inter-relações da literatura e as outras artes, mas cada vez mais envolvido com os aspectos de conexões intermediárias e de suma importância para a compreensão da literatura.

Sabe-se que, o volume de estudos nas áreas de artes, ao longo dos anos, tem tido uma curva crescente em todas as suas modalidades e isso impactou o mundo da literatura, fazendo com que os estudiosos buscassem um conceito para explicar a interação entre as artes, resultando no que hoje chamamos de Estudos Interartes.

Dito isso, observa-se muitas mudanças com relação as linguagens artísticas, sendo essas em todas as modalidades das linguagens artísticas. Modificações as quais são observadas na estrutura, no conteúdo, entre outros, que foram estudadas por John Dewey, que tenta caracterizar esse fenômeno como “substâncias” comuns da/na arte, trazendo como exemplo a pintura, pois em um certo momento da história elas significam uma coisa e agora outros temas podem ser abordados utilizando da mesma pintura.

Além disso, outro termo importante que pode ser utilizado para representar este intercruzamento de práticas artísticas, que introduzem o contexto dos estudos interartes, o conceito de Hibridismo, o qual será abordado brevemente na sequência. E para analisar esse tema, o autor Peirce nos traz termos importantes, como, por exemplo, signo, tradução e semiose.

No processo de criação artística, o signo corresponderia não somente àquele elemento primeiro da criação (a imagem mental inaugural), ou aos insights que iluminam o avanço das etapas do processo; estender-se-ia também ao produto final, que é a obra criada, e a todos os interpretantes cumulativamente deflagrados a partir da fruição da obra pelo público. Porém, se “tudo o que está presente a nós é uma manifestação fenomenal de nós mesmos”, então, “quando pensamos, nós mesmos, tal como

somos naquele momento, surgimos como um signo” (PEIRCE, 1977, p.269).

Silva caracteriza, a partir do que o autor Charles Peirce e Julio Plaza destacaram, todo o processo de semiose, sendo algo contínuo e aberto. abordando assim as diferentes possibilidades de entendimento sobre o conceito que foi tratado anteriormente, ou seja, “híbrido, sendo que “O próprio conceito “hibridismo”, pelo fato de ter significados distintos em diferentes áreas, além das artes, já tem uma natureza híbrida”. (SILVA, 105, p.584).

Ademais, é de suma importância fazer uma interpretação do que é Estudos Interartes, fazendo uma reflexão de quais mídias fazem uma relação entre elas. Além disso, sabe-se que as artes sempre se alimentam uma das outras, por isso busca compreender essa relação entre elas por meio dos estudos interartes. É importante ressaltar que, no decorrer dos anos, as linguagens artísticas, em todos os campos, passaram por diversas modificações, seja por conta de sua estrutura, conteúdo, temas, lugar na estrutura social, entre outros. Como é possível observar na fala de Mário Praz.

[...] a ideia de artes irmãs está tão enraizada na mente humana desde a Antiguidade remota que deve nela haver algo mais profundo que a mera especulação, algo que apaixona e que se recusa a ser levemente negligenciado. Poder-se-ia mesmo dizer que, com sondar essa misteriosa relação, os homens julgam poder chegar mais perto de todo fenômeno da inspiração artística. (PRAZ, 1982, p. 1).

Quando se menciona trânsitos interartes, as temáticas da sinestesia e/ou da tradução intersemiótica costumam vir à tona. Dito isso, é importante tecer, mesmo que de forma breve, sobre a sinestesia, ou seja, a reunião de sensações, em outras palavras, a sinestesia acontece quando uma pessoa, ao sentir, algo, percebe, espontaneamente, uma relação direta com um órgão do sentido diferente daquele ao qual o estímulo foi dirigido. Por exemplo, ao ouvir uma música, automaticamente relembra de algo importante que aconteceu.

[...] Não mais preocupada com a pureza formal dos veículos artísticos tradicionais, a arte recente volta-se para as “impurezas textuais”. O campo da arte mudou na medida em que a separação entre formas distintas de expressão (como expressão visual versus expressão literária) já não mais obedecida. Assim, como não há mais um limite preciso entre o visual e o literário, também tempo e espaço se articulam, e o que Hal Foster chamou de “impureza textual”, pode entender-se até a quebra dos limites entre as linguagens. (VENEROSO, 2005, p.46).

Destaca-se a importância da leitura, sendo que o momento em que vivemos como sociedade, é relevante para a prática leitora, mostrando a relevância da

reflexo sobre o filme, a qual foi destacada por Claus Cluver, citando as interartes e em como elas podem ajudar a compreender os valores humanos.

O ato de leitura é de suma importância para a formação leitora, além desse processo, é importante também pois estabelecerá um papel fundamental no decorrer, ou seja, o leitor será capaz de relacionar uma obra com outra, como é o caso do trabalho em questão, sendo uma comparação entre um livro e um filme e suas características, fazendo o reconhecimento do mesmo autor, por exemplo, ou temáticas semelhantes, Segundo Carvalhal:

No horizonte do comparatista está o “autor enquanto leitor” e todos os aspectos da recepção de uma obra estrangeira num determinado contexto que possam ter importância para o autor enquanto leitor e para a sua eventual recepção pessoal. (CARVALHAL, 2010, p. 71).

Em suma, a partir de um texto, os leitores conseguirão fazer várias relações entre diversas áreas, seja do Cinema, da Música, jogos, entre outros, tudo isso a partir de um determinado ponto, por isso da importância do intertexto presente na intermedialidade.

Por consequência do que foi exposto e dos estudos de Claus Cluver, é possível observar uma reinvenção dos hábitos de leitura, assim como a formação do indivíduo, ou seja, com relação a sua formação leitora, com base na cultura, na vivência, tendem reflexo direto nos textos e suas formações. Esse impacto causado pode ser percebido nos estudos interartes, visto que a formação do leitor acontece pela interação entre o texto e o público, ou seja, está ligado inteiramente com as interartes.

Os Estudos Interartes buscam comparar não só as artes, mas toda a forma de comunicação intermediária, como, por exemplo, a presença de figuras no cinema, pintura, músicas e afins, ou seja, é possível observar uma abertura no campo da literatura para uma série de manutenção das mídias, as quais são convergentes.

Por conseguinte, o estudo da relação entre essas artes, se engloba no estudo da Literatura Comparada, que possivelmente viria a ser um novo tópico do trabalho em questão, porém o *Beijo da Mulher Aranha* e *XXY* não entrariam em um estudo comparado, apenas da comparação de temas em comum, mas este tema surge desde a antiguidade, nos textos de Aristóteles e suas comparações.

Outro conceito chave para o entendimento da intermedialidade e os estudos interartes, é o conceito de intertextualidade, o qual está presente em ambos os conceitos citados anteriormente, pois permite a compreensão direta da interação entre as artes. Outrossim, é possível dizer em poucas palavras, pode -se dizer que o texto nos dá a permissão de leitura de intertextos, ou seja “conjunto de textos que se pode aproximar daquele que temos sob os olhos, o conjunto de textos que encontramos na memória de uma dada passagem”, como é definido por Riffaterre (1979).

Como observado no decorrer do texto, intermedialidade é o encontro entre as mídias, ou seja, da relação entre arte e mídias, abrem um leque para outras práticas intermediárias, como, por exemplo, a intertextualidade, ainda citado por Claus Cluver:

Teorias de intertextualidade resultaram na percepção de que intertextualidade sempre também implica intermedialidade, porque pré-textos, intertextos e pós textos e para textos sempre incluem textos em outras mídias. Um só texto pode ser objeto rico para estudo da intermedialidade. (CLUVER, 2008, p. 222).

A intertextualidade se torna imprescindível para o campo dos estudos intermediários, pois é a partir das leituras que serão realizadas pelos leitores ou pesquisadores, que acontecerá a construção de interferências, associações e mediações entre um texto e outro.

1.2 O BEIJO DA MULHER ARANHA DE MANUEL PUIG E XXY DE LUCIA PUENZO

Após conhecermos termos importantes para o entendimento da pesquisa, como Intermedialidade, Estudos Interartes e o de Intertextualidade de forma breve, assim como Hibridismo, é importante destacar que a pesquisa é de cunho original e único, fazendo uma comparação entre uma obra fílmica e uma obra literária, analisando os pontos em comum e os que as diferem, analisando em si alguns fatos de relevância que explicará a intermedialidade e seus componentes.

Por conseguinte, cita-se o livro, intitulado como *O Beijo da Mulher aranha*, escrito por Manuel Puig, o qual nasceu em 28 de dezembro de 1932, em Buenos Aires, Argentina. Além de escritor, ele desempenhava o papel de dramaturgo e tinha um sonho de ser cineasta, porém não conseguiu êxito. E no ano de 1968

publicou seu primeiro romance, *A traição de Rita Hayworth*, ganhando dois prêmios com este livro.

Depois de um tempo e de receber diversas ameaças, se transferiu para o México, onde terminou de escrever o livro que é objeto de estudo do trabalho, *O Beijo da Mulher Aranha*. Em 1981 vem para o Brasil e entra em contato com o seu conterrâneo Hector Babenco, juntos trabalham na adaptação do livro. Ele se torna, assim, um autor consagrado mundialmente. Destaca-se então sua relevância para o pós moderno e todas as suas características. Silviano Santiago nos diz que:

Manuel Puig é o primeiro grande autor latino-americano que trabalha com a forma de escombros derivada do excesso de indústria cultural estadunidense e argentina, ou seja, com o quase lixo (SANTIAGO, p, 3, 2005).

O livro é considerado o ápice da carreira do autor, pois a obra o colocou em uma posição curiosa no rol das estrelas da Argentina. E nos apresenta diversos pontos importantes para uma possível reflexão, como conceitos necessários para refletirmos, como é o caso de sexualidade, identidade, entre outros, além de observarmos a sequência dos personagens Molina e Valentin e tudo que eles fazem, coisas que nos levam a refletir e debater sobre. E o autor nos propõe essas temáticas, fazendo sempre uma reflexão com o período em questão, ou seja, o pós modernismo.

Da mesma forma que o livro possui sua relevância para debatermos os temas citados anteriormente, além de expressar a intermedialidade presente nele, outro objeto de estudo aqui citado é o filme da diretora argentina Lucia Puenzo, chamado *XXY*, que narra a história de uma personagem que possui ambos os sexos e sofre com isso desde o seu nascimento. Seus pais sem saber o que fazer, tentam levá-la para longe, porém os preconceitos continuam e a pressão por uma definição do feminino ou masculino aumentam a cada mudança no filme.

Da mesma forma que no livro Molina se apaixona por seu companheiro de cela, no livro Alex se interessa pelo filho do médico que sua mãe chamou para tentar ajudar a família. Porém ela está passando por uma crise de identidade e não sabe o que fazer de sua vida, nem se expressa os seus sentimentos ou se guarda para não se ferir ainda mais.

Em suma, são duas obras importantes para a época, inclusive para os dias de hoje, pois os temas que aparecem em ambas, ainda são tratados com muitas dúvidas e tabus na atualidade, pois ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa que não está aberta ao novo, porém, tanto o livro, quanto o filme, nos leva a pensar e refletirmos sobre temas, como sexualidade, identidade, gênero, entre outros, destacando aqui a importância e relevância das obras para o entendimento de intermedialidade, bem como de todos os conceitos citados no decorrer do texto.

2. O CONCEITO DE PÓS - MODERNISMO NA LITERATURA E CINEMA

Para dar sequência ao trabalho exposto, é necessário tratar de um termo de suma importância para entendimento dos assuntos trabalhados, o de “pós-modernismo”, visto que o trabalho se embasa de obras deste período, ou seja, como uma poética contemporânea, para isso é necessário a leitura do texto de Linda Hutcheon que afirma:

[...] entre todos os termos que circulam na teoria cultural e nos textos contemporâneos sobre as artes, o pós-modernismo deve ser o mais sobre definido e o mais subdefinido. Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativa: ouvimos falarem descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização.” ((HUTCHEON, 1998, p. 19).

E observa ainda que:

[...] ensina que todas as práticas culturais têm um subtexto ideológico que determina as condições da própria possibilidade de sua produção ou de seu sentido. E, na arte, ele o faz deixando visíveis as contradições entre sua auto reflexividade e sua fundamentação histórica (HUTCHEON, 1988, p. 15).

Assim sendo, como a autora nos diz, a arte do pós-modernismo rebela o texto histórico, porém não a dispensa.

[...] não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são textos. Até mesmo as instituições do passado, suas estruturas e práticas sociais, podem ser consideradas, em certo sentido, como textos sociais (HUTCHEON, 1988, p. 34).

Como analisado anteriormente, Hutcheon afirma que:

“O que todas essas palavras fazem, de forma literal (exatamente com seus prefixos, que negam o compromisso des, in e anti), é incorporar aquilo que pretendem contestar – conforme o faz, suponho, o próprio termo pós-modernismo.” (HUTCHEON, 1988, p. 19).

Complemento necessário para entendimento do conceito de pós-modernismo, sendo que ambas as obras pertencem a esta vertente.

Com isso percebe-se quão contraditório é o pós-modernismo, porém a autora evidencia a importância de estudar as artes, as obras literárias do passado, para que as do presente possam acontecer, ou seja, o presente não pode anular o passado.

E ainda trata o pós-modernismo como uma força problematizadora:

[...] o pós-moderno constitui, no mínimo, uma força problematizada em nossa cultura atual: ele levanta questões sobre (ou torna problemáticos) o senso comum e o “natural”. Mas nunca oferece respostas que ultrapassem o provisório e o que é contextualmente determinado (e limitado) [...] (HUTCHEON, 1991, p. 13).

Hutcheon segue nos falando sobre o conceito de pós-modernismo, nos dizendo-nos que todas essas práticas culturais tem um subtexto ideológico, as quais costumam determinar o sentido, a sua própria produção. E, na arte, ele o faz deixando visíveis as contradições entre sua reflexividade e sua fundamentação histórica. (HUTCHEON, 1991, p. 15).

A autora deixa claro que a cultura do pós-modernismo usa e abusa dos conceitos do discurso.

Ela sabe que não pode escapar ao envolvimento com as tendências econômicas (capitalismo recente) e ideológicas (humanismo liberal) de seu tempo. [...] tudo que ela pode fazer é questionar a partir de dentro. (HUTCHEON, 1991, p. 15).

A autora sempre deixa claro que o conceito de pós-modernismo está inteiramente ligado com o passado, ou seja, é deliberadamente histórico, como é possível observar no trecho:

[...] aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. Suas contradições podem muito bem ser as mesmas da sociedade governada pelo capitalismo recente. (HUTCHEON, 1991, p. 20).

Além disso, ressalta que:

Portanto, a cultura pós-moderna tem um relacionamento contraditório _ com aquilo que costumamos classificar como nossa cultura dominante, o humanismo liberal. Ela não o nega conforme disseram alguns autores (Newman 1985, 42; Palmer 1977, 364). Em vez disso, contesta-o a partir do interior de seus próprios pressupostos. Modernistas como Eliot e Joyce costumavam ser considerados como profundamente humanistas (e.g. Stern 1971, 26) em seu desejo paradoxal de atingir valores estéticos e morais estáveis, mesmo em vista da percepção que tinham sobre a inevitável ausência desses valores universais. (HUTCHEON, 1991, p. 22).

Por consequência, o pós-modernismo é tratado como contraditório, pois tudo que é do passado pode ser alterado no presente, assim como o presente é dirigido pelo passado, proporcionando a então “reavaliação crítica”. E para isso, Eliot nos mostra como uma obra que foi criada hoje pode influenciar, simultaneamente, todas as que a precederam.

Os monumentos existentes formam uma obra ideal, a qual é modificada pela introdução da nova, da verdadeiramente nova, obra de arte. A ordem existente está completa antes da chegada da nova obra; para que ele persista após o acréscimo da novidade, deve a sua totalidade ser alterada, embora ligeiramente e, assim, se reajustam a esta as relações, as proporções, os valores de cada obra de arte: e isto é a concordância entre o velho e o novo. (ELIOT, 1962, p.24.).

Assim sendo, a autora propõe três características inerentes do período: “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente

político”. (HUTCHEON, 1991, p. 19).

Ainda com relação aos textos estudados de Linda Hutcheon, ela nos relata sobre o “ex-cêntrico”, ou seja, tudo aquilo que está fora do centro, como é o caso dos personagens estudados, Molina, em *Beijo da Mulher Aranha* e Alex, em *XXY*. Enquanto um sonha em viver em um filme, sofrendo com sua vida, em uma prisão, sendo homossexual, vivendo da cultura *queer*, se auto declarando como a figura de uma mulher, como será tratado posteriormente, outro vive dois mundos, encontrando sua identidade, lutando contra o preconceito da sociedade, se encontrando dentro do seu próprio ser. Por consequência Hutcheon destaca:

O 'ex-cêntrico' – tanto como off-centro quanto como descentralizado – passa a receber atenção. Aquilo que é 'diferente' é valorizado em oposição à 'não identidade' elitista e alienada e também ao impulso uniformizador da cultura de massa. E no pós-modernismo americano, o diferente vem a ser definido em termos particularizantes como os de nacionalidade, etnicismo, sexo, raça e escolha sexual. A paródia intertextual dos clássicos canônicos americanos e europeus é uma das formas de se apropriar da cultura dominante branca, masculina, classe-média, heterossexual e eurocêntrica, e reformulá-la – com mudanças significativas. Ela não rejeita essa cultura, pois não pode fazê-lo. O pós-modernismo indica sua dependência com seu uso do cânone, mas revela sua rebelião com seu irônico abuso desse mesmo cânone (HUTCHEON, 1988, p. 170).

A autora segue descrevendo sobre o período do pós-modernismo, adentrando, em temas de suma importância para que posteriormente possamos compreender melhor as obras em estudo, como, por exemplo, a reflexão de temas como a sexualidade e a identidade.

“A experiência política, social e intelectual dos anos 60 ajudou a permitir que o pós-modernismo fosse considerado como aquilo que Kristeva chama de "escrita como-experiência-dos-limites" (1980a, 137): os limites da linguagem, da subjetividade e da identidade sexual, bem como – poderíamos também acrescentar - da sistematização e da uniformização”. (HUTCHEON, p. 25, 1988.).

Ademais, observa-se nitidamente a presença do pós-modernismo no filme *XXY*, através da jovem Alex, pois ela enfrenta questões particulares, como a crise de identidade e sua sexualidade, assim como, nota-se a presença de termos como a sexualidade, no livro *O Beijo da Mulher Aranha*.

Basta por ora assinalar que tal filme desafiava as categorias cinematográficas: clássica, modernista, vanguardista, expressionista, surrealista - nenhuma delas parecia dar conta de suas especificidades. Aqui se considera que essa é a mais interessante aplicação do conceito de pós-modernismo ao cinema: designar o que foge às classificações tradicionais da teoria. (PUCCI JR., p.363, 2009).

O autor de *O Beijo da Mulher Aranha* nos apresenta um dos melhores exemplos de subversão do binarismo de gênero, ou seja, temos Molina, um homem que absorve para si uma identidade feminina e está se construindo ao longo da narrativa de diversas formas.

Cita-se então a importância da cultura gay no fazer literário de Manuel Puig,

pois demonstra essa questão de gênero, e para explicar este termo que pode ser encontrado no romance de Puig, faz-se o estudo e usa-se comoencial teóricos, textos por Judith Butler (2009), que são essenciais à teoria *queer* tudo isso é fruto de um pensamento do pós-modernismo.

Para isso, Judith Butler nos propõe a noção psicanalítica da identificação com o gênero:

[...] assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma "imagem" nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual se molda o gênero é uma imitação sem origem. (BUTLER, 2003, p. 197).

Além disso, trata o gênero com uma certa fluidez de identidades, ou seja, fazendo com que esse duplo sentido tenha significado.

Esse deslocamento perpétuo constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura à resignificação e à recontextualização; a proliferação parodística priva a cultura hegemônica e seus críticos da reivindicação de identidades de gênero naturalizadas ou essencializadas. (BUTLER, p.184, 2009).

Isso posto, sabe-se que o pós-modernismo entende-se, nos estudos de ambas as autoras, como essa fluidez de gêneros, isso como construções sociais e discursivas, entrando em discurso a paródia, exposta nos personagens de Manuel Puig, principalmente em Molina, que se apresenta ao longo da narrativa como uma certa feminilidade, ou seja, se colocando no papel de gênero binário.

Sendo assim, sabe-se que há muito tempo este assunto nem era assunto de debate, muito pouco se conhecia do sexo oposto e tampouco da sua própria identidade, o contrário do que acontece na atualidade, sendo que estes conceitos, tanto de identidade, quanto de sexualidade, são fortemente debatidos nos dias atuais.

Vale ressaltar que, Michel Foucault (1988) complementa em seu livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber*:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável num maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Essas manobras se manifestam com maior facilidade nos dias de hoje perante a nossa sociedade, isso porque o assunto é debatido com mais frequência e menos tabu.

2.1 IDENTIDADE

2.1.1 O conceito de Identidade no romance *O Beijo da Mulher Aranha* e no filme *XXY*

Diariamente reflete-se sobre a importância dos estudos com relação aos conceitos citados durante o texto, assim como da leitura, ou seja, deste olhar crítico sobre as obras estudadas, ressaltando a necessidade de a interação entre o cinema, a literatura, fazendo uma relação com os temas encontrados nessas áreas, com a nossa própria vida.

Além disso, para futuras compreensões, é necessário o entendimento do sujeito pós-moderno, o qual não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Sendo assim Stuart Hall resalta o fato de que a identidade se torna uma “celebração – móvel”, mesmo concordando que este conceito se constitui nas relações sociais e que a perspectiva do pós-modernismo questiona é a ideia de uma sociedade, sujeito e/ou identidade unificada, relatando que:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas. (HALL, 2006, p.12.).

Igualmente, refletir sobre o tema, já que a identidade não é algo permanente, citado por Hall, sobre a “crise de identidade”, ou seja, ocorre uma “descentração” dos indivíduos, seja por parte cultural ou no seu lugar no mundo social, assim como de si mesmo, constituindo então essa crise de identidade.

Isso posto, é necessário destacar o conceito de identidade, isso porque em ambas as obras ele se faz presente, principalmente pelos estudos feitos por Stuart Hall, norteador deste trabalho:

[...] demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. (HALL, 2006, p.8-9).

Não apenas isso, mas retomando o que foi tratado anteriormente, Hall cita, em seu livro *A Identidade cultural na pós modernidade*, o crítico cultural Kobena Mercer que descreve: “[...] a identidade somente se torna uma questão quando

está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (MERCER, 1990, p.43). Dito isso, é possível perceber essa “crise de identidade”, tanto no filme, quanto no livro, mas no primeiro fica evidente desde as primeiras cenas.

Além disso, no filme *XXY*, ao contrário do que acontece no livro, que só é possível observar no desenrolar da história, no longa, essa percepção acontece desde o início, quando Alex é apresentada, sendo uma jovem que se recusa a tomar seus hormônios, ou seja, desde as primeiras cenas de Alex tem-se a “crise de identidade” citada por Hall, pode se observar esse conceito na fala da personagem, “...e se eu não estiver nada para escolher?”, ou seja, uma necessidade de escolher entre o feminino ou masculino, mas em momento algum foi dada a devida liberdade para que ela fosse livre para escolher ou para seguir sendo os dois, ela não se sentia livre para mudar seu jeito ou reconstruir seu corpo ou discurso.

De acordo com Fernando Souto Dias Neto:

[...] “XXY” traz a atmosfera de mistério e dúvida sobre “qual decisão tomar” perante seu corpo. As representações midiáticas surgem como artifício para referir-se a algo que não está ali no momento presente, mas que evoca uma memória (de conceitos, preconceitos, opiniões, sensações etc.). Essa ausência pode concretizar-se em um apagamento, uma desqualificação, um silenciamento de alguém ou algo considerado anormal, indesejável, desviante da norma. (NETO, 2019, p.12).

E isso fica evidente após assistir ao filme, nota-se esse sentimento por parte da Alex, em que ela se sente indesejada, fora do normal, além de que, na maioria das vezes, tem sua voz silenciada e segue apenas o que os outros mandam, vivendo rodeada por preconceitos e indo sempre em busca de aceitação, desacreditando inclusive de si mesma.

E esse conflito fica perceptível quando ela sente atração pelo filho do médico, notando isso desde as primeiras cenas, isso porque percebe se a troca de olhares entre os personagens, porém uma insegurança sentida por ambos os personagens. Além disso, Alvaro também não tem certeza sobre sua sexualidade e nem sabe ao certo o que Alex é, fazendo com que o público também queira esclarecer essas dúvidas, mas os dois sabem que existe alguma coisa entre eles e no decorrer do filme eles vão se descobrindo. Vale ressaltar que Alvaro só conhece Alex, pois a mãe dela trouxe os pais dele para sua casa, pensando que o médico, (pai de Alvaro), poderia ajudar Alex com seus “problemas”.

Como é possível observar em *XXY*, Alex vive no meio de sua crise de identidade, tanto no seu mundo social, quanto no seu mundo social. E para ter um entendimento mais preciso sobre o termo que pode ser encontrado na obra fílmica, estuda-se textos de Kobena Mercer que destaca a identidade como: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (1990, p.43). O que será detalhado no terceiro capítulo, na devida análise da obra fílmica e do romance.

Esses processos são de suma importância, até porque a própria modernidade está em constante mudança, ou seja, está sendo transformada, por isso enaltece esse debate, visto que é possível ser observado no sujeito do pós-moderno, como foi tratado no tópico anterior.

Por conseguinte, cita-se também o livro, visto que este também é objeto de estudo do trabalho em questão, ou seja, para isso demonstra o fato de que Molina reconhece sua identidade, edificando sua subjetividade através de ações reiteradas que se estendem no tempo, o que a autora Judith Butler chamada *performatividade de gênero*. Para ela:

Por mais que crie uma imagem unificada da “mulher” (ao que seus críticos se opõem frequentemente), o travesti [sic] também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual. Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostos naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural de sua unidade fabricada (BUTLER, 2003, p. 196-197).

Como será observado posteriormente na análise, em um diálogo entre os dois personagens, Manuel propõe para os dois um discurso do que é ser homem, apresentando então o que foi discutido até aqui sobre sexualidade, identidade e gênero.

Por consequência, não se pode definir, objetivamente, o que é ser homem ou o que é ser mulher, pois as identidades são estruturas em perpétua indagação (premissa dos estudos da cultura *queer*), sobre si mesma, como propõe a autora, sendo que “o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem aparentemente tão fixo quanto o sexo”. (BUTTLER, 2003, p.24).

2.2 SEXUALIDADE

2.2.2 O conceito de sexualidade no romance e na obra fílmica

Além de ter uma certa relevância falarmos sobre a identidade, é de suma importância adentrarmos no tópico da sexualidade, visto que ambas as discussões que atravessam essas obras.

Segundo Foucault (1988), a sexualidade é um "dispositivo histórico", ou seja, é uma invenção social que, historicamente, se deu a partir de diversos discursos sobre o sexo que o normatizam, regulam e postulam saberes sobre o conceito.

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte; dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. (FOUCAULT, p.34, 2001).

Por conseguinte, a pesquisa se baseou no livro, ou seja, na análise do comportamento de alguns personagens. A história acontece, em sua maior parte, por diálogos, presença forte do discurso, no qual é possível ver a sensibilidade nas relações humanas, mesmo em seus piores momentos, isso porque um é acusado por corrupção de menores e um preso político em uma mesma cela da ditadura militar argentina. Por meio destas conversas, é notório perceber a empatia entre os personagens, o contrário da maioria da população ou da política, que na maioria das vezes é injusta e preconceituosa, principalmente contra homossexuais, como é o caso de Molina.

Igualmente, é possível fazer outras análises com relação ao texto, isso porque o autor não deixa claro o que significa alguns conceitos, isso só se percebe nas notas de rodapé, como observa-se no fragmento do romance, percebendo inclusive a presença da figura de linguagem metalinguagem:

- Uma curiosidade, é isso o que você deve ter.
- Não é verdade. Acho que para te compreender preciso saber o que acontece com você. Se estamos nesta cela juntos, é melhor a gente se compreender, e eu sei muito pouco sobre pessoas com tuas inclinações. *¹

¹O pesquisador inglês D. J. West considera que são três as teorias sobre a origem física do homossexualismo – e rejeita as três. A primeira tenta estabelecer que o comportamento sexual anormal provém de um desequilíbrio da proporção de hormônios masculinos e femininos, ambos presentes no sangue dos dois sexos. Mas os testes diretos realizados em homossexuais não proporcionaram um resultado que confirme a teoria, isto é, não demonstraram uma distribuição hormonal deficiente. [...] (1981: 53).

Puig deixa sua marca evidente em cada palavra deste texto, ou seja, pelo

jeito único de escrever sua narrativa como forma de diálogos, dando a entender que o texto pode ser um roteiro de um filme, ou pelas notas de rodapés, as quais contém explicações sobre os termos presentes na obra, como sexualidade, por exemplo. Porém ele prefere deixar em forma de diálogos, para que o leitor tente perceber as expressões dos personagens, as emoções e reações, ao ouvir as histórias, dentre outras leituras que ficam por responsabilidade de quem lê o texto fazer a devida interpretação. Isso porque, como dito anteriormente, as explicações para termos importantes se dão apenas por meio de notas de rodapé, ou seja, tratando-se de estratégias discursivas do autor.

Dois termos necessários para o entendimento do trabalho são “sexualidade”, presente no livro e e de “no filme intersexualidade”, notado no filme. Segundo Cabral:

[...] deste modo, os intersex são corpos que transitam nas expressões legítimas de humanidade, sendo associado à patologia ou a chamada “ambiguidade genital”. essa “anormalidade” justificaria a intervenção médica com intuito de (re) fazer este corpo anormal adequando-se ao ideal do dimorfismo sexual. a medicalização dos corpos não consegue entender que o corpo intersex não encerra um corpo único, mas um conjunto amplo de corporalidades possíveis sendo assim a intersexualidade é variedade (CABRAL, 2006).

No meio em que se vive, a intersexualidade se relaciona com a experiência do ser, como é visto no filme com a personagem Alex, não basta você se identificar com algo, você precisa seguir os padrões da sociedade, principalmente em termos biológicos e, na maioria das vezes, observa-se uma “punição”, por meio de preconceitos ou “pré-conceitos”, se você é ou age de forma diferente.

Por consequência, a figura do médico representa o íntimo da personagem, pois para ele e para o restante da sociedade, ela é dona de um corpo estranho que precisa urgentemente ser consertado.

Por fim, mas não menos importante, sexualidade, segundo Foucault:

[...] a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas. O foco principal do autor são os efeitos do poder e a produção de “verdade”. (FOUCAULT, 1984, p.243).

Por conseguinte, como estudado e analisado por Hall, a identidade está sendo “descentrada”, ou seja, a partir do sujeito moderno ela pode ser definida pelo autor como uma “celebração móvel”, como foi tratado no tópico anterior.

Em suma, o conceito é definido historicamente, ou seja, a cada contexto ela assume uma forma e não biologicamente. Em outras palavras, é necessário

o estudo e análise de cada história para que o “pré-conceito” não ocorra, entender que cada ser é de uma forma e o respeito precisa existir.

Linda Hutcheon destaca o conceito de sexualidade como algo que está presa ao passado:

As questões referentes a sexualidade, desigualdade e responsabilidade sociais, ciência e religião, e à relação da arte com o mundo são todas levantadas e dirigidas ao leitor moderno e à convenções sociais e literárias do século passado. (HUTCHEON, 1991, p. 70).

Por meio de trechos do livro *O Beijo da Mulher Aranha*, se faz possível a observação de pontos importantes para o entendimento da pesquisa, com relação a sexualidade, como, por exemplo, no trecho a seguir, dois quais serão feitos uma análise mais aprofundada no terceiro capítulo do trabalho.

– E ele sabe o que você sente por ele?
 – É lógico, eu falei tudo, quando tinha esperança de convencê-lo de que entre nós dois... fosse acontecer alguma coisa. Mas nunca aconteceu nada. Não houve maneira de convencê-lo. Eu implorei, nem que fosse uma única vez na vida..., mas nunca quis. E depois eu tinha vergonha de insistir, me conformei com sua amizade.
 – Mas segundo você disse, ele não andava muito bem com a mulher.
 – Passaram uma temporada meio brigados, mas ele no fundo gosta dela, e o que é ainda pior, a admira porque ganha mais que ele. E um dia me disse uma coisa que quase morri, era o dia dos pais, e eu queria lhe dar alguma coisa de presente [...], e perguntei se queria um pijama, e aí foi um desastre.
 – Continua, não me cria suspense.
 – Disse que não usava pijama, que dormia sempre nu. E dorme em cama grande com a mulher. Aquilo foi a morte. Mas houve um momento em que parecia que iriam se separar, e aí criei ilusões! Você nem imagina... (PUIG, 1981, p. 61).

Aqui observa-se um exemplo claro da representatividade heteronormativa, por parte de Valentin, sendo que ele não compreende e não aceita, de certo modo, a homossexualidade de Molina, mesmo que no fim ceda à sedução de seu colega de cela. Por consequência, quando Molina se declara para Valentin, este não aceita e nem entende, dizendo que está muito distante de sua condição social. Um discurso complexo e relevante, assim como a discussão de gênero, tratando-se de uma discussão relevante e uma construção discursiva.

Como discutido anteriormente, quando o personagem Molina sai do “armário”, é possível observar um olhar questionador do autorreconhecimento gay, evidenciando essa dúvida por parte da heteronormatividade cultural e científica, com propõe Eve Kosofsky Sedgwick.

No processo de autorrevelação gay [...], no contexto do século XX, questões de autoridade e de evidência podem ser as primeiras a surgir. “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar a conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais [ou, alternativamente, em algumas ações e não necessariamente em seus verdadeiros sentimentos]; que tal falar com um terapeuta e descobrir?” (2007, p. 38).

Assim como no livro, quando se é estudado o filme, observa-se fatos importantes a serem analisados, bem como faz-se a devida relação com as propostas de estudos retiradas do livro, como, por exemplo, a imposição de uma decisão imediata por meio da sociedade ao que se diz respeito da personagem em destaque, Alex. Sendo que nem no final é possível compreender qual tenha sido essa decisão, méritos da diretora, que não apresenta soluções fáceis, nem para a personagem e nem para o público, visto que os temas tratados no filme são relevantes e uma questão humana, dramática, que precisa ser estudada e refletida.

3. UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE MANUEL PUIG E LUCÍA PUENZO

Tratando-se de um estudo original, ou seja, um trabalho que visa analisar duas obras do pós-modernismo, este estudo visa a análise temas de suma importância presente em ambas as obras, como, por exemplo, identidade, sexualidade e principalmente, fazendo uma reflexão ampla sobre o conceito de intermedialidade.

Dito isso, é importante ressaltar também a importância das obras no estudo do pós-modernismo, bem como no debate sobre os conceitos citados anteriormente. Primeiramente, ressalta-se a importância do filme, o qual nos mostra em como é necessário debatermos sobre esses temas, além de nos permitir a reflexão sobre sujeito, bem como a constituição de seu próprio corpo, por outro lado, o livro, que nos apresenta conceitos importantes para debate, como, por exemplo o de sexualidade, demonstrando também, como a identidade se constrói.

O filme é provocante do início ao fim, nos proporcionado um debate de suma importância nos dias atuais sobre como a identidade é construída, além de nos mostrar um fato importante que é pouco discutido, além de fazer uma reflexão importante a respeito da produção biomédica dos corpos, além de nos proporcionar um debate crítico sobre sexo-gênero-sexualidade, a partir da história de Alex, com o que a medicina nos define, como genitália ambígua, que hoje é tratada como, condição intersexuada.

É fato que se trata de uma personagem que vive os conflitos naturais da adolescência, tantos internos, quanto externos, além de viver os sabores e dissabores do protagonismo de uma personagem intersexual, descobrindo de fato a sua verdadeira identidade e, por conseguinte, sua sexualidade.

Conforme os últimos dados o filme ganhou diversos prêmios importantes, como, por exemplo, o *Critics' Week Grand Prize* no Festival de Cannes, pois apresenta uma quebra de paradigmas de como conceitos, como sexualidade, gênero, identidade, entre outros, são representados.

Isso posto, além do título do filme, outro ponto a ser destacado, é o fato de que o nome da personagem é ambíguo, como diversas coisas no decorrer da narrativa, ou seja, esse título já nos constrói uma compreensibilidade perante os sujeitos, a partir da biologia/genética, dito isso, trata-se da verdade sobre o sexo dos corpos que pode ser encontrada nos cromossomos. Assunto o qual já foi descrito por Butler, com a teoria Queer a partir da performatividade do gênero.

Ao se tratar do livro, sabe-se que é a narrativa de dois personagens presos dividem uma cela inóspita e minúscula, sendo que a história passa em um país que não é descrito, mas claramente por um regime militar, em que dois

prisioneiros que fazem de tudo para passar o tempo, sendo que um é mais contido, sendo este Valentín e outro, chamado Molina, que usa de sua imaginação e das histórias que aprendeu ao longo de sua vida, para contagiar o seu companheiro, quem sabe, inclusive, fazer o se apaixonar por ele.

Isso posto, a história narra a vida de um político e um homossexual acusado de corromper menores, como dito acima, numa cela que fede a merda, como descrito no livro, cubículo estreito, sujeito a matar ambos de claustrofobia, sendo que a única forma de fuga é imaginar, criar, narrar, recriar, que é o que nos proporciona Molina, levando-nos da mulher pantera, até as espiãs, surgindo vários filmes em uma tela imaginária. Histórias fascinantes que nos deixa hipnotizados.

Assim como no filme, na obra de Manuel Puig também podemos observar a presença do binarismo, ou seja, a dualidade do homem e mulher em um mesmo personagem. Molina que sempre direciona sua libido para outros homens e desfaz de sua identidade construída até aqui.

No decorrer da narrativa, fica claro a paixão pelo feminino por parte de Molina, isso porque ele demonstra-nos suas paixões pelas musas de suas histórias, ainda mais quando ele se identifica com a personagem Leni Lamaison, do filme fictício *Destino*, ou seja, com relação a sua identidade, se identifica com as mulheres, se comporta como tal, mas ao se relacionar, prefere os homens.

3.1 ANALISANDO A OBRA FILMICA XXY

O filme é uma obra repleta de assuntos de suma importância e relevância para o mundo atual e tantos outros, pois aborda temas relevantes para debate e estudo, como os observados no decorrer do texto. O título do filme já nos proporciona uma indagação, pois trata-se dos cromossomos femininos e masculinos.

E é algo que fica claro desde o começo, sendo que muitos pesquisadores e especialistas, tratam o tema como hermafroditismo, mas isso não se entende de início, há muita dúvida e anseios, pelo menos nos primeiros trinta (30) minutos da história.

Dito isso, vale ressaltar que a história tem seu início quando a mãe da personagem central, Alex, decide chamar um cirurgião e sua família para passar uma temporada em sua casa, lembrando que esta família leva seu filho de 16 anos junto, o qual posteriormente será apresentado para Alex e terá um papel fundamental na vida da menina.

A história se baseia na vida da jovem adolescente intersexual, que vive ainda com seus pais, Kraken e Suli, em uma pequena vila de pescadores no Uruguai, sendo ali onde seu pai consegue exercer sua profissão de biólogo, evitando também, julgamentos alheios sobre a sua filha.

Sendo assim, a garota é apresentada como uma adolescente que vive sua vida em conflitos com a realidade, um momento de curiosidade, descobertas, preconceitos por parte da sociedade, medo e receios por parte da família, além de estar em constante descoberta do prazer por parte do seu corpo.

Por conseguinte, o drama começa de fato quando a melhor amiga de Suli é convidada para visita-los. Porém existem segundas intenções por parte da mãe, visto que está considera a possibilidade de uma cirurgia na filha, a qual seria feita pelo marido da amiga de Suli, que também os visita.

As imposições feitas pela sociedade e pela sua própria família, deixam Alex vivendo sempre em um labirinto, entrando em conflito com sua própria mente, pois na maioria das vezes não sabe o que decidir, se vai escolher ser homem ou mulher, se continua com os remédios hormonais, se segue as escolhas dos pais ou de seu próprio entendimento. O conflito se acirra quando esta decide contar este segredo para um grupo de amigos.

Ao falarmos de XXY, é importante ressaltar o termo de sua importância, intersexo, visto que o mesmo está presente fortemente na obra filmica, porém vale ressaltar que não é fácil encontrar uma definição para intersexo, e para os corpos que ele designa.

A autora Nádía Perez Pino (2007, p.153), nos retrata um pouco sobre o assunto, dizendo que esse termo tem origem médica, o qual foi incorporado pelos ativismos para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que tratamos como feminino e masculino.

Além disso a autora observa que:

Segundo a ISNA [Intersex Society of North America] intersex é uma definição geral usada para explicar a variedade de condições nas quais as pessoas nascem com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que não se encaixam na típica definição de masculino ou feminino. São corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aqueles que os vê [...]. São corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico. (PINO, p.153).

Assim como os homossexuais, os indivíduos intersexes em nossa sociedade sofrem um tipo de preconceito, mas em menor escala, porém o assunto é pouco tratado no dia a dia, muito menos nas escolas, ou nos meios de comunicação, é como se as pessoas que fossem como a personagem do filme de Puenzo, vivessem, quase que em sua maioria, de forma a se esconder do resto do mundo.

O filme nos leva a refletir sobre o assunto, até porque a protagonista do filme Alex é uma personagem intersex, ressaltando sempre suas histórias, suas experiências, tanto boas, quanto ruins, demonstrando a realidade dos intersexes na tentativa de viver uma vida normal, em uma sociedade onde tem-se a forte marcação do feminino e do masculino.

Outrossim, a personagem aparentemente é um indivíduo estranho, constrangedor, de início percebe-se uma figura indecisa, deslocada, mas ela só aparenta ser assim, pois é o que a sociedade nos impõe a personagem sofre muitos preconceitos e rejeição por parte de seus amigos e pessoas do seu convívio. A própria família se desloca para um lugar de isolamento para não mostrar o que de fato é a realidade.

Em suma, é importante ressaltar também, algumas curiosidades sobre o filme (*XXY*) e sobre o livro (*O Beijo da Mulher Aranha*), como, por exemplo, o nome de atores com relação ao filme, curiosidades do livro, entre outras coisas. Alex é interpretada por Inés Efron, a qual estudou teatro desde os seus 14 anos. Com relação ao *O Beijo da Mulher Aranha*, quando este veio a ser filme, foi a primeira produção independente a ser indicada ao Oscar de melhor filme.

3.2 UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O BEIJO DA MULHER ARANHA*

Soy una mujer que sufre mucho. [...] Si pudiera, cambiaría todo lo que voy a escribir en la vida por la felicidad de esperar a mi hombre en el zaguán de la casa, con los rulos hechos, bien maquillada y con la comida lista. Mi sueño es un amor puro, pero ya ves, condenada a los amores impuros. (PUIG, Manuel).

Em princípio, com relação a análise do romance *O Beijo da Mulher Aranha*, livro que nos apresenta a história de dois homens que vivem em uma cela, nos anos de 1975, em uma prisão de Buenos Aires. Manuel Puig nos conta a história de Luis Alberto Molina, foi preso por corrupção de menores, sendo um artifício da ditadura para prender homossexuais e também nos apresenta a história de Valentin Arregui Paz, jovem ideólogo, aspirante a revolucionário, que foi preso por distúrbios com outros ativistas.

Os dois foram colocados juntos por um motivo em especial, pois Molina foi

colocado propositalmente a mando da polícia, pois esta propõe a liberdade do personagem, em troca disso este homem precisa descobrir outras operações do movimento clandestino a que pertence Valentín. Molina conta histórias para passar o tempo, para tentar se aproximar de Valentin, porém o que era um subterfúgio os conecta e revela muito de ambos.

Neste livro, é possível observar como o personagem de Valentín se comporta como o objeto “armário”, como foi discutido anteriormente, e isso fica evidente quando Molina conta para seu companheiro de cela, que se apaixonou por um homem hetero e casado.

- E ele sabe o que você sente por ele?
- É lógico, eu falei tudo, quando tinha esperança de convencê-lo de que entre nós dois... fosse acontecer alguma coisa. Mas nunca aconteceu nada. Não houve maneira de convencê-lo. Eu implorei, nem que fosse uma única vez na vida... mas nunca quis. E depois eu tinha vergonha de insistir, me conformei com sua amizade.
- Mas segundo você disse, ele não andava muito bem com a mulher.
- Passaram uma temporada meio brigados, mas ele no fundo gosta dela, e o que é ainda pior, a admira porque ganha mais que ele. E um dia me disse uma coisa que quase morri, era o dia dos pais, e eu queria lhe dar alguma coisa de presente [...], e perguntei se queria um pijama, e aí foi um desastre.
- Continua, não me cria suspense.
- Disse que não usava pijama, que dormia sempre nu. E dorme em cama grande com a mulher. Aquilo foi a morte. Mas houve um momento em que parecia que iriam se separar, e aí criei ilusões! Você nem imagina... (PUIG, 1981, p. 61).
- Um dia fui a um restaurante e o vi. Fiquei louco. Mas é muito comprido, outra vez eu conto, ou talvez não, não conto nada, quem sabe com o que você vem para cima de mim.
- Um momento, Molina, você está enganado, se eu te pergunto é porque tenho um... como posso te explicar?
- Uma curiosidade, é isso o que você deve ter.
- Não é verdade. Acho que para te compreender preciso saber o que acontece com você. Se estamos nesta cela juntos é melhor a gente se compreender, e eu sei muito pouco sobre pessoas com tuas inclinações. (PUIG, 1981, p. 53).

Neste trecho é possível observar a dúvida de um personagem com relação ao outro e o fato de que Valentin é um exemplo da representatividade heteronormativa, da metáfora do armário, ele não aceita os desejos e a paixão de Molina e se nega a entender porque ele gosta de homens, mas no final cede à sedução de seu companheiro, representações que serão exemplificadas no decorrer dos escritos deste texto. Como nos propõe Sedgwick na teoria do armário:

No processo de autorrevelação gay [...], no contexto do século XX, questões de autoridade e de evidência podem ser as primeiras a surgir. “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar a conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais [ou, alternativamente, em algumas ações e não necessariamente em seus verdadeiros sentimentos]; que tal falar com um terapeuta e descobrir?” (2007, p. 38).

Em outro trecho, Molina tenta contar uma história, mas sempre é interrompido por Valentín, nesta busca incessante pelo saber do que é “ser homem”. Ele diz a Valentín que não é algo que possa ser explicado ou algo assim, mas o seu colega de cela insiste tanto que Molina diz que é para ele dormir, que não terminar de narrar a história do filme escolhido para aquela noite. Por consequência, esse fato ficou claro no trecho anterior, onde Valentín desconhece o porquê da homossexualidade de Molina, inclusive na maior parte do texto nega esse sentimento.

Ademais, ressalta-se a importância do sentimentalismo na Literatura, bem como no Cinema, folhetins, entre outros e isso fica claro na obra de Puig, destacando-se a importância do romance, pois todo esse sentimentalismo presente no texto representa o melodramático e a relação de gênero com o público, apresentando diversas obras importantes, para futuras compreensões da história, como a narração de Destino, por Molina.

Assim como em *XXY*, em que vivenciamos muitos debates e questionamentos com relação ao que poderá acontecer com o da história, mas ao mesmo tempo nos deixando com dúvidas e anseios, o mesmo acontece com *O Beijo da Mulher Aranha*, em que o leitor fica preso a história desde o começo, imaginando se os dois protagonistas venham a ser um casal ou não, assim como no filme, em que pensamos nas diversas possibilidades da personagem ser ou não ser uma mulher ou um homem, todas essas indecisões vivenciadas por Alex.

A partir das histórias contadas por Molina, podemos vivenciar a construção de outras histórias, ou seja, esses relatos fílmicos que ele conta, permite a criação novas histórias, intrigas, novos amores, personagens, os cenários, além de termos a percepção de mudança e evolução dos dois protagonistas.

Há todo um jogo incrível de Puig, nos levando a pensar no que é realidade e o que é ficção, deixando na maioria das vezes, a vida se misturando com os filmes. Faz manobras com toda sua simbologia cinematográfica, precisando sempre de muita atenção a todos os detalhes presentes na obra.

Além disso, percebe-se a presença da discussão de gênero na história, mesmo que Valentín não entenda muito bem sua sexualidade, ele estranha essa barreira que Molina nos proporciona com relação ao gênero das pessoas, como é possível observar no trecho abaixo:

- Não é o amigo que veio te visitar, que você me contou? - Não, o que veio é uma amiga, é tão homem como eu. Porque o outro, o garçom tem que trabalhar na hora das visitas aqui.- Nunca veio te visitar?- Não.- O coitado precisa trabalhar.- Escuta, Valentín, você acha que ele não podia trocar o plantão com algum companheiro?- Não deixam.- Vocês são bons para se defenderem, entre vocês.- Quem são vocês?- Os homens, boa raça de...- De que?- De filhos da puta, com perdão de tua mãe, que nem tem culpa.- Olha, você é homem como eu, não chateia... Não estabeleça distâncias.- Quer que me aproxime?- Nem que te distancies nem que te aproximes.

- Escuta, Valentín, lembro muito bem que uma vez ele trocou o plantão com um companheiro para levar a mulher ao teatro. - É casado? - Sim, é um homem normal. Fui eu quem começou tudo, ele não teve culpa de nada. Eu me meti na vida dele, mas o que queria era ajudá-lo.- Como foi que começou? - Um dia fui a um restaurante e o vi. E fiquei louco. Mas é muito comprido, outra vez eu conto, ou talvez não, não conto nada, quem sabe com o que você vem para cima de mim.- Um momento, Molina, você está enganado, se te pergunto é porque tenho um...como posso te explicar?- Uma curiosidade, é isso o que você deve ter.- Não é verdade. Acho que para te compreender preciso saber o que acontece com você. Se estamos nesta cela juntos é melhor a gente se compreender, e eu sei muito pouco sobre pessoas com tuas inclinações (PUIG, 1980, p. 52-53).

Molina demonstra essa fronteira entre heterossexuais e homossexuais, causando dúvidas por parte de Valentín que pouco entende com relação a sua sexualidade, quiçá de seu companheiro de cela.

3.3 ANÁLISE COMPARADA ENTRE AS OBRAS

Como discutido no início do texto, o estudo em questão trata-se de uma comparação entre uma obra escrita e uma obra fílmica, ambos tratando do mesmo assunto, mas é de suma importância demonstrar com evidência em que ponto essas comparações são possíveis de serem observadas e analisadas.

De início é importante ressaltar o fato de que ao analisarmos o outro, estamos analisando a nós mesmos, além disso, Michel Foucault nos apresenta o sujeito desejante, pois para o autor, isso não é algo constante, mas somente a partir da experiência da cristã da carne.

[...] analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção neles próprios, a se decifrar, a se reconhecer a se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo a verdade de seu ser. (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Figura 1 Alvaro e Alex



Fonte: XXY

Na figura 2 é possível observar a admiração que Alex possuía pelo personagem Alvaro, imaginando sentir atração e quem sabe uma certa paixão pelo personagem, o mesmo acontece no livro, já que Molina se apaixonar por seu companheiro de cela durante as suas investidas e contações de histórias.

Isso posto, é possível observar dentro do cinema argentino a existência da emergência da ligação entre dois corpos, como propõe o autor Dias Neto.

O que é notável nas películas que compõem o corpus da pesquisa dentro desse cinema é a fragmentação das identidades de gêneros, desde a forma como os sujeitos exercem seus desejos, rompendo com determinismos patológicos, corporalidades, determinismos biológicos, tradições reproduzidas pelos tempos, ou até mesmo dispositivos sociais que são atravessados por linhas discursivas. O veículo que conduz essas linhas, citadas até então, é a forma como o tempo atualiza os modos de relação entre os sujeitos, além de como esses lugares de fala foram e ainda continuam se transformando, para que se constituam e se enunciem como se assistem hoje (DIAS NETO, 2014, p. 132).

Como discutido anteriormente o filme nos sugere diversas reflexões sobre a sociedade em questão, como, por exemplo, até que ponto devemos interferir no que as crianças pensam ou deixam de pensar, como, no filme, em que os pais possivelmente gostariam de decidir sobre o futuro de sua filha, fazendo uma cirurgia para ter apenas um órgão genital, ou seja, interferindo diretamente nas escolhas de Alex. Com a cirurgia de sexo, mostrando que Alex é um corpo estranho, a indagação é como devemos nos portar em uma sociedade tão preconceituosa.

Além disso, ou seja, além de resolver diversos problemas sociais e ficar com medo de ser a sua própria versão, a personagem lida com a fase da adolescência, sendo por si só um grande problema, muitas dúvidas, incertezas, o que fazer ou o que não fazer.

Ademais, assim como observamos no filme, na vida real os pais também tendem a decidir por seus filhos, mas alguns deixam estes decidirem em sua fase adulta, tendo discernimento para ver o que é melhor na vida de Alex, sem que os seus responsáveis tenham influência sobre essa decisão.

No filme, a personagem convive com seus pais em um pequeno vilarejo do Uruguai, sempre fugindo das pressões da sociedade, assim como de médicos da região, visto que estes queriam “corrigir” sua ambiguidade genital. Além disso, como falado anteriormente, a família sai da cidade grande para evitar qualquer problema com sua filha e a discriminação por parte da sociedade em que eles viviam.

Com a chegada de Alex à adolescência, sua mãe, Suli (Valeria Bertuccelli), preocupa-se com a decisão que tomaram anteriormente de não fazerem a cirurgia. Então, ela convida sua amiga de infância Erika (Carolina Pelleritti) e seu marido, o cirurgião Ramiro (Germán Palacios), a passarem alguns dias em sua casa, para que ele possa analisar o caso de Alex e verificar a possibilidade de fazer a cirurgia que definirá seu gênero para feminino, já que todos/as a reconheciam como menina.

Contudo, o pai de Alex, o biólogo Kraken (Ricardo Darín), que não sabia dos planos de sua esposa, acaba posicionando-se contrário a isso. Enquanto isso, Alex experimenta sua sexualidade ambígua. Faz sexo com Álvaro (Martín Pirojansky), o filho do cirurgião, penetrando-o e produzindo no rapaz uma confusão de sentimentos; flerta com sua amiga Roberta (Ailín Salas); e quase é estuprada/o por um bando de meninos do vilarejo, por saberem de sua condição intersex através de um amigo de Alex, o qual posteriormente revela-se também apaixonado por ela/e.

Assim como o filme é a obra inicial de Lucía Puenzo, o livro é a obra mais marcante de Manuel Puig e nos apresenta diversos conceitos importantes, os quais podem fazer relação com o que foi exposto no filme, conceitos os quais são importantes para posteriores debates

Como tratado anteriormente o filme nos propõe o estudo sobre a intertextualidade, ou seja, apresenta a identidade da personagem em questão, que está passando por uma crise de identidade, lidando com fatos de sua sexualidade e os problemas que enfrentava na sociedade em que vivia.

Sabe se que o foco do trabalho é fazer a análise dos personagens, bem como sua representação de identidade e em como sua sexualidade está aparente, com relação do filme, isso é possível graças ao conjunto da obra, isso porque temos a presença do som, imagem, elementos que são importantes para o entendimento a obra.

Por consequência, a imagem é de suma importância em um filme, isso porque, representa tudo o que o diretor quer passar para o público e em *XXY* é possível observar tudo com muitos detalhes, principalmente ao tratar-se da personagem principal, Alex, como será relatado posteriormente.

Ao contrário do que acontece no livro *O Beijo da Mulher Aranha*, isso porque as imagens não são visíveis no livro, tudo acontece na nossa imaginação. Porém, no livro é possível viver a história como se fosse um roteiro de um filme, pelos sonhos de Molina.

Por consequência, enquanto cinema de ficção, quando chamado de documentário, apresenta-nos uma forma de enunciar “verdade” sobre a identidade de suas personagens, como é possível observar nas cenas do filme *XXY*, que é a obra que marca a estreia de Lucía Puenzo no Cinema. Porém Lucía tem em mãos um risco eminente, isso porque pode se tornar algo estereotipado, podendo ter diversas teorias e conclusões por parte dos telespectadores.

No filme é possível observar, de diversas formas, em como a sociedade não aceita o diferente. Alex sofre diariamente com as opressões impostas pelas pessoas de seu tempo, não conseguindo, em suas diversas vezes, viver de uma forma normal. Sendo assim, sua mãe tenta resolver tudo, recorrendo até uma possível operação para que a sua filha seja uma pessoa normal como todas as outras.

Porém a personagem está indecisa do que ser ou o que fazer, descobrindo sua identidade, com fatos de sua vida, como será possível observar na figura 2 esse relato, isso porque, na maioria das vezes, Alex ficava reflexiva, em silêncio, em seu quarto, ou sozinha, tentando descobrir a sua verdadeira versão, lutando contra as pessoas que a julgava e contra os preconceitos da sociedade, inclusive com as rejeições vindas de sua própria família.

O filme é altamente visual pois é possível observar por meio das personagens as várias facetas de que estes apresentam, ou seja, não há muito diálogo, mas por meio de suas feições, já nos relatam muitas coisas, como é o

caso da personagem Alex, que por meio de suas caretas nos demonstra suas indecisões e sua insegurança, mas o mesmo observa-se em personagens secundários, como os pais da menina.

E o filme nos propõe do início ao fim, uma certa reflexão sobre diversos assuntos, prendendo-nos em cada troca de cena, queremos sempre saber o que acontecerá no decorrer da trama, assim como ficamos ansiosos pelo desenrolar, bem como, sobre o fim do filme, causando-nos vários sentimentos sobre a trama, como ansiedade, excitação, revolta, inquietação, entre outros.

FIGURA 2: Alex em mais um de seus momentos de dúvida.



Fonte: XXY – NETFLIX.

Além disso, é importante ressaltar em como a diretora utilizou bem das imagens em seu filme, isso porque a todo instante fez relações com o cenário, com o que estava acontecendo, ou seja, no decorrer do filme foi perceptível a presença de jogos de imagens, como, por exemplo, dias nublados, tons de cinzas, ou o próprio olhar de Alex, apresentando uma trama repleta de mistérios.

Assim como percebemos essas características na personagem Alex, o mesmo acontece com o personagem de *O Beijo Da Mulher Aranha*, mas em contrapartida, no filme a análise se discorre por meio dos dois personagens principais, Valentin e Molina, observa-se os estudos e discussões a respeito de conceitos como de sexualidade e gênero no período do pós- modernismo.

No livro, Molina começa a narrar histórias para Valentin, para se distrair daquele ambiente ruim, porém em certos pontos da história, ele não termina de contar o que estava relatando, demonstrando um lado que não conhecíamos de Valentín, como é possível observar no trecho abaixo:

— Não, deixa pra lá. Vou dormir. — Você está louco? E a pantera? Fiquei em suspense desde ontem à noite. — Amanhã. — Mas que é que há com você? — Nada... — Fala... — Não, sou um bobó, só isso. — Explica, por favor. — Olha, eu sou assim. As coisas me ferem.

Te fiz esta comida, com as minhas provisões, e o pior de tudo: gostando como gosto de abacate, te dei a metade, podia ter guardado a metade para amanhã. E para quê... para você me jogar na cara que te habituo mal. — Não seja assim, você é sentimental demais... — Que é que há de fazer, eu sou assim, muito sentimental. (PUIG, 1981, p. 28).

O contato desses personagens se dá pela imaginação, aos poucos Molina vai entrando na vida de Valentin, tocando sua sensibilidade, como fica visível no trecho acima, um sentimentalismo que é desconhecido pelo próprio Valentin. Essa proximidade, vai gerar, no futuro, uma disponibilidade mútua, emocional e, por fim, uma intimidade relacional e sexual. E com o passar do tempo, eles se aproximam ainda mais, com a narração das histórias e o cuidado de um pelo outro, se aproximando também de forma emocional.

Ao contrário de Molina, Valentin vive uma vida de insegurança, não aceita o fato de que Molina sente atração por homens, muito menos seu interesse por ele, como foi descrito anteriormente, além deste fato, cita-se a ambiguidade presente no livro, assim como no filme, ou seja, o fato de que Molina se identifica como mulher em diversas passagens do livro, como no trecho a seguir:

- Que significa para você ser um homem?
- É muita coisa, mas para mim... bem, o mais bonito do homem é isso, ser bonito, forte, mas sem fazer alarde da força, e que vai avançando com segurança. Que caminhe com segurança como meu garçom, que fale sem medo, que saiba o que quer, aonde vai, sem medo de nada.
- É uma idealização, não existe nenhum sujeito assim.
- Existe, ele é assim. (PUIG, 1981, p. 56)
- E todos os homossexuais são assim?
- Não, há alguns que se apaixonam entre eles. Eu e minhas amigas somos mu-lher. Não gostamos dessas brincadeiras, são coisas de homossexuais. Nós somos mulheres normais que vamos para a cama com homens. (PUIG, 1981, p. 170)
- Molina, gostaria de te fazer uma pergunta.
- O que é?
- É complicada. Bem... é isto: você, fisicamente, é tão homem quanto eu... – Hm..
- Sim, não tem nenhuma espécie de inferioridade. Por que não te ocorre ser... agir como homem? Não falo com mulheres, se não te atraem. Mas com outro homem.
- Não, não dá...
- Por quê?
- Porque não.
- É isso o que eu não entendo direito... nem todos os homossexuais são assim. – Sim, tem de tudo. Mas eu não, eu... só gozo assim. [...]
- Quero dizer que você não tem que pagar com alguma coisa, com favores, pedir perdão pelo fato de gostar disso. Não tem que se... submeter.
- Mas se um homem... é meu marido, ele tem que mandar, para se sentir bem. Isso é natural, porque então ele... é o homem da casa.
- Não, o homem da casa e a mulher da casa devem estar no mesmo nível. Caso contrário, é uma exploração.
- Então não tem graça.
- O quê?
- Bem, isso é muito íntimo, mas já que quer saber... a graça consiste em que quando um homem te abraça... você sinta um pouco de medo. (PUIG, 1981, p. 199-200).

Neste trecho fica possível a visualização de Molina como a representação

de um homem como mulher, sendo possível não só se ter um personagem homossexual, mas sim, um homem afeminado, o qual se torna submisso na maioria das vezes, demonstrando isso em suas narrativas, demonstrando a presença da ambiguidade, assim como no filme *XXY*, desde o título, o nome da personagem “Alex”, podendo ser tanto para mulher, quanto para homem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo se deu a partir da realização da pesquisa sobre o princípio teórico da intermedialidade, comparando alguns conceitos importantes, presentes tanto no livro *O Beijo da Mulher Aranha* quanto no filme *XXY*, abordando um viés da sexualidade, identidade, pela vertente do pós-modernismo, além de tratar das relações interartes.

Ressaltando que a análise só foi realizada através da representação dos personagens, ou seja, um olhar reflexivo para eles, com relação aos conceitos citados anteriormente. Portanto fazer uma análise desta complexidade só é possível após a leitura de textos bases, como de Claus Cluver, Linda Hutcheon, Michel Foucault, Stuart Hall, entre outros, dos quais foi possível analisar as obras em questão

Desta maneira, após o estudo de textos, como de Linda Hutcheon ou Claus Cluver, Stuart Hall ou Michel Foucault, além da referência bibliográfica proposta, como, artigos e outros textos, foi realizado um estudo mais a fundo sobre identidade e o pós - moderno, até porque os objetos de estudos do trabalho, tanto o filme, quanto o livro, pertencem a essa vertente e abordam esses temas, os quais são fundamentais para compreensão e formação do ser. Outrossim, analisando os personagens, fazendo um comparativo com a parte teórica, é possível observar que esses temas estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, levando-nos a pensar e refletir.

Por conseguinte, a partir da análise dos personagens, tanto de Alex em *XXY* e de Molina e Valentin em *O Beijo da Mulher Aranha* foi possível entender os conceitos de sexualidade, identidade.

Mediante o exposto, ressalta-se a originalidade do trabalho, a importância do estudo em questão, evidencia a relevância do que foi mostrado até aqui, pois nos mostra como é importante fazer uma reflexão sobre os estudos debatidos, como o de identidade, sexualidade, gênero, além de deixar claro a importância de analisar e dar foco aos estudos da intermedialidade.

Em síntese, o estudo da Literatura, do Cinema, do pós - modernismo, da intermedialidade, começou há muito tempo atrás e vem num crescente dia após dia, é um estudo complexo, mas de suma importância.

Como observado no decorrer do texto, é de suma importância abranger cada vez mais o estudo das interartes, assim como observar com mais cuidado o viés da identidade, da sexualidade dos personagens, até porque eles refletem o que a sociedade quer nos representar, por isso dá importância do Cinema em

nossas vidas, em alguns momentos uma fuga da realidade, mas em outros, uma denúncia do que está errado e precisa melhorar ou algo de bom que precisa ser notado e estudado em detalhes.

A análise se deu sobre o filme *XXY* (2007) o qual é dirigido pela argentina Lucía Puenzo, considerada uma das mais importantes diretoras da Argentina, não só produziu esta obra, mas tantas outras, porém foi com este filme que recebeu muitos prêmios, além de muitas críticas, pois esse longa causou fortes impactos por parte do público, por envolver temas como “intersexualidade”, “sexualidade”, “identidade”, conceitos os quais foram fundamentais para o entendimento e desenvolver da pesquisa. Como citado no decorrer do texto, trata-se de um romance fictício entre Alex e um jovem e que apresenta a história da adolescente de quinze anos, que se vê constantemente em conflito com a ideia de optar por um dos sexos que nasceu, (ou seja, é hermafrodita), pelas imposições apresentadas pela própria família e/ou sociedade, além de se sentir atraída por um jovem que também está conhecendo sua identidade.

Por conseguinte, o filme provocou reflexões com relação a temas como gênero, sexualidade, além de um dos objetos de estudo do trabalho de conclusão de curso, a questão da identidade. Vale ressaltar que a personagem sofre fortes impactos por parte da sociedade, com relação biológica, isso porque, como tratado anteriormente, ela nasceu com os dois sexos, tanto masculino, quando feminino, além de todos os pontos ditos anteriormente, ou seja, enfrenta um preconceito muito grande no desenrolar da trama. Em outras palavras, trata-se de um filme polêmico que ganhou muitos prêmios e a resposta por parte do público foi muito boa, mas também recebeu críticas, boas e ruins, porém deu visibilidade a um conceito que será tratado posteriormente, o de intersexualidade, assim como sexualidade e identidade, objeto de estudo do trabalho.

Como descrito anteriormente, a pesquisa só acontece, pois existe a relação entre um filme e um livro e este se trata do *O Beijo da Mulher Aranha* (1976), do escritor argentino Manuel Puig, sendo considerada uma das obras mais importantes do autor, que originalmente leva o título de *El beso de la mujer araña*, transformando em filme, por Hector Babenco, cineasta argentino naturalizado brasileiro.

Do mesmo modo, é importante destacar o que foi descrito ao longo do texto, que o livro apresenta a história de dois prisioneiros na Argentina, Valentim e Molina. O primeiro é um militante político que está envolvido na luta armada e o segundo um prisioneiro condenado por abuso de menores, durante a narrativa os dois dividem a mesma cela e passam a maior parte do tempo dialogando sobre assuntos do dia a dia, além de falar sobre assuntos mais complexos,

dando enfoque ao fato de Puig optar por uma narrativa de diálogos, como se tivesse sido feita para ser roteiro de um filme, sendo que posteriormente isso veio a acontecer.

Além disso, como dito, Molina faz o tempo passar mais rápido, narrando para seu companheiro de cela Valentin, as histórias dos filmes a que assistiu, ou que sonha em ser, conta com muita descrição e paixão, transformando aquela cela em uma sala de cinema imaginária, usando de sua criatividade para não morrer de tédio e acelerar sua estadia e do companheiro na prisão, porém a missão principal de Molina é se aproximar do jovem guerrilheiro para arrancar informações sobre seus outros companheiros revolucionários. A partir disso a narrativa nos apresenta dois personagens, um homossexual e outro que ainda está em dúvida sobre os sentimentos de seu parceiro de cela, mas que deixa acontecer naturalmente ao decorrer da história.

Em suma, foi possível analisar o comportamento de Alex em *XXY* e de Molina no romance *O Beijo da Mulher Aranha*, a partir da análise de seus trejeitos, falas, olhares e até mesmo o silêncio de ambos os personagens. A partir de cada cena, cada diálogo, foi possível observar a presença dos conceitos estudados ao decorrer do texto, como identidade e sexualidade, além de observar a ambiguidade em ambas as obras, sendo que no livro a presença do ambíguo fica nítido na figura de Molina, com a sua personificação de mulher e no filme desde o próprio nome “Alex”, até os diversos fatores que foram descritos no texto.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. *El beso de la mujer araña: gênero, sexualidade e subversão*. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 50, p. 399-423. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00399.pdf>> Acesso em 10 maio de 2021.

BENTO, Berenice. NUNES, Kenia Almeida. SILVA, Mikelly Gomes da.

Corpos marcados: a intersexualidade como (des) encaixes de gênero. , Natal, v. 12, n.2, p. 128-142, jul./dez. 2011. Disponível em:<<file:///C:/Users/pc/AppData/Local/Temp/3133-Texto%20do%20artigo-8541-1-10-20130604.pdf>> Acessado em 12 de maio de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Mauro. **En estado de excepción: intersexualidad e intervenciones sociomédicas**. In: CÁCERES, Carlos F.; CAREAGA, Gloria; FRASCA, Tim; PECHENY, Mario (Eds.). *Sexualidad, estigma y derechos humanos: desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Lima: FASPA/UPCH, 2006b. p. 69- 90.

Carvalho, Tânia Franco, 1943- **Literatura comparada I**. - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo : Ática, 2006.

CLUVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *Literatura E Sociedade*, 2.<<https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/13267/15085>> Acesso em 10 de maio de 2021.

ELLESTRÖM, L. Midialidade. **Ensaio Sobre Comunicação, Semiótica e Intermidialidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. 273p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder. Sobre a história da sexualidade**. Cap. 16, p. 243-76: 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. Herculine Barbin — **o diário de uma hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Sexo, poder e identidade**. Michel Foucault, an Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; The Advocate, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense Body Politic. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, pp. 01-11. Disponível em: <http://michelfoucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sexo.pdf>. Acesso em: novembro de 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3 - O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HIGGINS, Dick. **The Poetics and Theory of the Intermedia**. – Horizons, 1984).

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/Po%C3%A9tica%20do%20P%C3%B3s%20Modernismo%20-%20Linda%20Hutcheon.pdf> >. Acessado em março de 2021.

HUTCHEON, Linda, 1947- **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção/; tradução Ricardo Cmz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. 330p.

JOST, François. **Das virtudes heurísticas da intermedialidade**. Cerrados. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UNB, Brasília, n. 21, ano 15. p. 33-45. 2006.

LEBKUCHEN, Jessé. WASKOW, Mariana. ERNST, Aracy. “O que é ser homem para você?” : as representações de si e do outro em o Beijo da Mulher Aranha.”. Gláuks: **Revista de Letras e Artes** – jan/jun. 2019 – Vol. 19, Nº 1.

MERCER, K. “**Welcome to the jungle**”. In Rutherford, J. (org). Identity. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

NETO, Fernando Souto Dias. **O caso de Alex na Obra fílmica XXY: Uma Análise de Corpo, gênero e sexualidade no Cinema Argentino**. Porto Alegre, 2011.

NETO, Fernando Souto Dias Neto. **Desterritorializações em XXY: uma análise discursiva de gênero e desejos** - Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.11, n.33, p. 5-20, out.2018-jan.2019.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977. . Escritos coligidos. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores.

PEREIRA, Rodrigo. CRÍTICA – XXY. Disponível em< <https://www.planocritico.com/critica-xyy-2007/>>. Acesso em novembro de 2022.

PRAZ, Mario. **Literatura e Artes Visuais**: tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1982.

PUENZO, Lucía. **XXY**. Direção:Lucía Puenzo. Local: Buenos Aires, 2007. 126 minutos, colorido,filme.

PUCCI Jr, R. “**Cinema Pós-moderno**”. In: **MASCARELLO, F. (org.) História do**

Cinema Mundial. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

PUIG, Manuel. **O beijo da Mulher Aranha: romance**/ Manuel Puig: tradução de Gloria Rodríguez. – 5. Ed.- Rio de Janeiro: Codecri, 1981. (Coleção Edições do Pasquim;v.81). Tradução de: “El beso de La mujer araña”. 1. Romance argentino. 1. Título II.

RAJEWSKY, I. O. **Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”:** uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 15-45.

SANTIAGO, Silvano. **MANUEL PUIG: A ATUALIDADE DO PRECURSOR.** . Revista Iberoamericana, Vol. LXXIV, Núm. 225, Octubre-Diciembre 2008, 1119-1129.

SANTOS, Matheus Araujo Dos. XXY: **Análise Da Representação Da Intersexualidade No Filme De Lucía Puenzo.** Salvador, 2010.2.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet.** Berkeley, University of Califórnia Press, 1990.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **“A letra como imagem, a imagem como letra”.** In: NAZARIO, Luiz & FRANCA, Patrícia (Orgs.). **Concepções contemporâneas da arte.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.46-67.

WOLF, Werner. **The Musicalization of Fiction: A Study in the Theory and History of Intermediality.** Amsterdã e Atlanta, GA: Rodopi, 1999.

